



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



**UMA CARTOGRAFIA FEMINISTA SOBRE A RELAÇÃO MULHER
E CASAMENTO EM NARRATIVAS ANGLÓFONAS**

Salvador - BA

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



**UMA CARTOGRAFIA FEMINISTA SOBRE A RELAÇÃO
MULHER E CASAMENTO EM NARRATIVAS ANGLÓFONAS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia, para a obtenção
do título de licenciada no curso de Língua
Estrangeira Moderna ou Clássica: Inglês.

Discentes: Adriana Teixeira de Azevedo

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Mota Pereira

Salvador – BA

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste trabalho. À professora Fernanda Mota Pereira, pela orientação, paciência, sábios conselhos partilhados de forma carinhosa e atenciosa durante a jornada acadêmica, dividindo os seus conhecimentos acerca do tema por mim explorado, dúvidas esclarecidas e apoio prestado; aos colegas e amigos Bruna Borges, Douglas Rodrigues, Isabel Ribeiro, Luana Burgos e Gleide Bandarra, pelo apoio ao longo da minha vida acadêmica; à minha amiga de longa data, Luana Martins, que tem me apoiado em todos os momentos; aos meus pais, que me proporcionaram realizar esta caminhada; e aos professores Pedro Eduardo de Lima e Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva por aceitarem compor a banca de avaliação deste trabalho.

“I declare after all there is no enjoyment like reading! How much sooner one tires of anything than of a book! -- When I have a house of my own, I shall be miserable if I have not an excellent library.”

— Jane Austen, *Pride and Prejudice*

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo refletir sobre a relação mulher e casamento sob uma perspectiva feminista, tendo como objeto de estudo três narrativas principais: *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen (1813), *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf (1925) e *The Arrangers of Marriage* (2009), da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Autoras de épocas diferentes foram selecionadas, pois esta monografia pretende ter um olhar diacrônico sobre o tema abordado. Como resultado, notou-se que apesar de esse tema ter variações a depender da época, predomina uma forte presença de valores patriarcais na sociedade que definem o papel da mulher como esposas. O texto tem como base teórica a leitura de capítulos de *O Segundo Sexo* (2009), de Simone de Beauvoir e a palestra *Sejamos todos feministas* (2013), de Chimamanda Adichie.

Palavras-chave: Mulheres; Casamento; Feminismo; Literatura Comparada.

ABSTRACT

This undergraduate thesis' main goal is to reflect upon the relationship: woman and marriage through a feminist perspective, its major object are the literary texts: *Pride and Prejudice* by Jane Austen (1813), *Mrs. Dalloway* by Virginia Woolf (1925) and *The Arrangers of Marriage* (2009) by the Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie. Authors from different periods of time were selected over the fact that this study intends to analyze the topic within a diachronic perspective. As a result, although this these has variations depending on the era, a strong presence of patriarchal values prevail in the society, which defines women's role as wives. As a theoretical basis, chapters of the *The Second Sex* (2009) by Simone de Beauvoir and the lecture by Chimamanda Adichie: *We all should be feminists* (2013) were read.

Keywords: Women; Marriage; Feminism; Comparative Literature

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 8
2 Liberdade e igualdade... para as mulheres	p. 11
3 Jane Austen, Virginia Woolf e Chimamanda Adichie: um estudo comparativo sobre o tema mulher e casamento	p. 15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 29
REFERÊNCIAS.....	p. 30

INTRODUÇÃO

Esta monografia apresenta reflexões, no âmbito da literatura comparada, sobre três textos principais: *Orgulho e Preconceito*, *Mrs. Dalloway* e *Arrangers of Marriage*, buscando analisar nas narrativas a relação entre mulheres e o casamento em épocas e contextos diferentes. O lastro teórico central é constituído por dois textos principais, a saber: *O segundo sexo* (2009), de Simone de Beauvoir; e *Sejamos todos feministas* (2013), de Chimamanda Adichie, embora também tenha sido estudado o texto de Virginia Woolf, *Um teto todo seu*.

Um dos pontos centrais desse trabalho é a reflexão sobre preconceitos em torno da mulher e os motivos que a levam a ser associada às figuras de esposa. No tocante à definição de preconceito, lê-se no dicionário *Michaelis* (2011): “**1.** Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados. **2.** Opinião ou sentimento desfavorável, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão. **3.** Superstição que obriga a certos atos ou impede que eles se pratiquem.” No que se refere às três possibilidades de definição do preconceito, destaca-se, para esta monografia, a noção de que, através dele, sujeitos podem ser impelidos a cometerem alguns atos que podem ser conduzidos por visões unilaterais em desalinho com o que desejariam se não fossem influenciados por padrões pré-estabelecidos.

No que se refere à mulher, é preciso deslocar o preconceito histórico em relação a elas. Ela se caracteriza historicamente pelo papel de submissão ao homem ou como representação da tentação e do pecado, podendo ser encontrado em textos como a *Ilíada* de Homero e uma narrativa Bíblica amplamente conhecida – a história de Eva –, em que representações de mulheres estão atreladas a consequências desastrosas acompanhadas de um status de “inferioridade”, reforçado socialmente e que ainda é possível identificar mesmo em pleno século XXI.

É relevante, também, citar os contos de fadas, muito conhecidos e ensinados ao longo da infância para meninas, que “educam” e implementam na vida de crianças valores patriarcais em que a mulher é vista como o sexo frágil, que necessita de uma figura masculina presente para salvá-la de possíveis perigos. Ou mesmo, de uma mulher que só encontra a felicidade depois de conhecer o homem por quem “sempre” esteve

esperando. A charge abaixo parodia esse enredo ao mostrar uma fada madrinha que, ao invés de trazer a promessa de um encontro com um príncipe encantado que salvará a personagem, promete que dará condições para que ela não precise de casamento para encontrar sua felicidade.



A charge acima demonstra também, de forma sucinta, um problema que se torna ainda maior por não ser reconhecido como problema. Desde criança, os sujeitos aprendem que meninos e meninas possuem funções e capacidades diferentes, desde atividades simples, como as de que um menino não pode gostar da cor rosa ou brincar de bonecas, e atribui-se às meninas que elas possuam deveres, como os de cuidar da casa, que os meninos não possuem. Comumente, é tido como aceitável um menino não saiba fazer atividades domésticas, pois estes deveres não são considerados como papéis que devam ser realizados por homens. Todavia, não seria a habilidade básica de saber fazer seu próprio alimento e cuidar de si algo essencial a todos?

Para além dessa questão, é possível, ainda, questionar por que quando as mulheres possuem carreiras grandiosas o reconhecimento não é o mesmo dos homens bem sucedidos? Por que este reconhecimento se torna maior, e segundo algumas pessoas, completo, apenas se esta mulher estiver casada? Por que o sucesso profissional

não cabe às mulheres? Por que, para as mulheres, o sucesso está associado ao matrimônio?

O casamento ainda é um dos fatores de submissão para as mulheres, pois ele é tido como o parâmetro de êxito feminino. Para a sociedade, em termos generalizantes, uma mulher casada tem uma ascensão e respeito social maiores do que as solteiras. A situação ainda é mais agravante quando elas se encontram com uma idade mais elevada, acima dos 40 anos, quando a sociedade julga que ela não será mais capaz de gerar uma vida. Mas, será que o valor de uma mulher deveria continuar a ser medido por seu potencial procriador? Por que as mulheres devem dedicar toda a sua vida para serem progenitoras e cuidarem do lar? Não seria possível haver uma participação mais efetiva dos homens na criação dos filhos, sem que seja reservado à mulher o papel de mãe concomitante ao de dona de casa?

Esses questionamentos, que podem ser flagrados em conversas no território do senso comum, motivaram as reflexões que foram feitas nesta monografia e encontraram um espaço para serem tratadas na literatura das três mulheres escolhidas para compor o escopo deste texto. A opção pelas narrativas se pautou no anseio de analisar o tema mulheres e casamento em contextos diferentes, denunciando a presença, mesmo não explícita, de ditames patriarcais que ainda atuam na definição do papel da mulher. Nesse sentido, essa monografia tem também o objetivo de convidar à reflexão sobre a necessidade de repensar a posição da mulher e o que se espera dela para que seja dado a ela o direito de escrever a narrativa de sua própria vida sem imposições externas, advindas de preceitos sociais androcêntricos.

2 Liberdade e igualdade... para as mulheres

Muitas conquistas foram alcançadas ao longo da história da humanidade. Todavia, ainda há um longo caminho até que haja igualdade entre homens e mulheres. Diante desse quadro, pergunta-se: por que até hoje essa igualdade entre os sexos não foi alcançada?

A busca pela liberdade é um anseio que perpassa as mais diversas civilizações, tendo como emblema representativo a Revolução Francesa, pois foi nessa revolução que os homens decidiram lutar por uma sociedade mais igualitária. Entretanto, questiona-se até que ponto essa luta contemplou as mulheres. Como exigir uma sociedade mais justa quando essa mesma sociedade trata com diferença e indiferença certos indivíduos que a compõem? Indivíduos que também tiveram um papel importante para que a revolução fosse bem sucedida. Em que aspecto foi ela vitoriosa?

Na Revolução Francesa, que aconteceu no século XVIII, houve uma busca por liberdade, igualdade, fraternidade, que pode ser relacionada aos princípios que permeiam a noção de direitos humanos. Essas questões são fundamentais para uma sociedade justa, mas no que se refere às mulheres a liberdade buscada na época da revolução francesa ainda não foi alcançada. Houve uma revolução em nome da liberdade, igualdade e fraternidade; porém pelo que denota o livro de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, escrito em 1949, já no século XX, tais direitos perseguidos pelos revolucionários da Revolução Francesa não se estendem à condição feminina, vista sempre em relação de dependência ou comparação negativa em contraste com a posição privilegiada do homem diante dela.

Ao ler *O segundo sexo* (2009), nota-se que Beauvoir mostra que, por viver em sociedade, as pessoas se ajudaram e puderam evoluir. Assim, sem o apoio de uma classe, a outra não poderia se erguer. Então, não se trata de estabelecer ou reforçar parâmetros que definem escalas de valor, mas sim pensar o que pode levar a sociedade a progredir em termos humanos.

A própria Simone de Beauvoir (2009) descreve sociedades em que mulheres e homens possuíam importância equânime, assim foi quando o nascimento e a perpetuação da espécie foram mais valorizados e necessários para a sobrevivência. De

acordo com a autora (2009, p.105), “instalando-se num território, os homens se apropriaram dele; a propriedade aparece sob a forma coletiva; exige de seus proprietários uma posterioridade; a maternidade torna-se uma função sagrada”. Essa afirmação não significa que a mulher fosse melhor ou pior do que o homem e sim que ela assumiu papéis para colaborar com o bem estar comum e o sucesso da sociedade, que só conseguiu êxito porque era uma sociedade onde havia apoio e espaço para crescimento mútuo. Essa afirmação encontra respaldo no ponto de vista de Beauvoir (2009, p. 101), ao assinalar que: “homens e mulheres do ponto de vista da sobrevivência coletiva são igualmente necessários”.

Essa igualdade distancia-se do ideal buscado em muitas revoluções. Na Revolução Francesa, por exemplo, apesar de não ter sido feita, aqui, uma leitura histórica, nota-se, com a leitura de narrativas como a de Balzac, *A mulher de trinta anos*, e o próprio *O segundo sexo* (2009), que a mulher não tinha a tão almejada liberdade. De acordo com Beauvoir (2009, p.15) “se eu quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: ‘sou uma mulher’. Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação”. Diante desta afirmação, é importante perguntar quão pertinente é definir uma mulher quando se está diante de um texto feminino? Para Beauvoir, quando se trata de um texto escrito por um homem essa definição é desnecessária. Ela se caracteriza desnecessária, porque ele é tido pela sociedade como natural produtor intelectual – um status que se distancia da condição da mulher no tocante a essa questão por causa de fatores sociais e culturais que a distanciam de uma produção intelectual.

A afirmação de Beauvoir converge com reflexões em *Um teto todo seu* (2014), de Virginia Woolf, publicado em 1929, em que a escritora inglesa cria um sujeito ficcional através do qual expressa muitas de suas inquietações sobre as limitações impostas às mulheres para seu desenvolvimento intelectual. Certa vez, esse sujeito ficcional, criado pela autora, ao ir a uma biblioteca de uma famosa universidade, se depara com uma grande quantidade de livros de autoria masculina, dentre os quais alguns continham perspectivas da mulher como inferior ao homem, confirmando assim quão maior é o espaço masculino em termos de produção intelectual. Assim, pelo fato de os homens terem mais espaço, a sociedade acaba perpetuando a ideologia patriarcal reproduzida por eles.

Esse teor machista remonta a uma perspectiva perpetuada desde os tempos mais remotos. Pode-se citar o mito cristão de Adão e Eva, em que Eva foi caracterizada de uma forma negativa, pois foi atribuída a ela a culpa de ambos terem sido expulsos do Jardim do Éden. Por ter tomado uma decisão errada no jardim do Éden, a ela e ao que ela representa (as mulheres) foi conferida a incapacidade de fazer escolhas, uma vez que a história denota que Eva subverteu as leis do paraíso. Na passagem enfocada, Eva acaba cedendo às ideias de um desconhecido e quebrando as regras do seu criador e, por essa decisão, conforme a Bíblia, toda a humanidade foi punida. Ela foi considerada a primeira pecadora. A partir disso, a mulher passou a ser vista como representante em potencial do mal.

Baseado nesse fato, é possível inferir que a mulher é normalmente associada a uma imagem negativa, que gera destruição da “harmonia existente”. Pode-se pensar em outro texto antigo muito famoso, a *Ilíada*, que também ilustra essa representação. A *Ilíada* é um poema épico grego, em que é narrada a guerra de Tróia. Este poema foi primeiramente contado por Homero, ou pelo menos foi por ele que se tornou conhecido. Neste poema, a culpa pelo início da guerra, que gerou tantas perdas, é atribuída a Helena; ela é acusada de seduzir Páris, mesmo sendo casada. Páris, por sua vez, é relatado como herói que queria apenas resgatar a donzela de um casamento que gerava sofrimento a ela. E o mais interessante é que ninguém, especialmente naquela época, questionava ou parecia questionar a culpa atribuída a Helena, e a própria parece se culpar no poema.

É importante ressaltar como, mesmo em simples circunstâncias, há um encargo de culpa no universo feminino. No que se refere à *Ilíada*, a guerra de Troia começou porque Páris resolveu ficar com Helena e não previu o que seus atos poderiam acarretar. Todavia, essa demonstração de inconsequência não é encontrada na história; o que se encontra é que Helena o seduziu. Assim, implicitamente, o motivo da guerra foi ela.

Inúmeras vezes, a culpa foi atribuída às mulheres, quando, na verdade, isso resultava do ponto de vista do homem que contava a história. Esse fato deveria ser encarado de forma crítica pelas mulheres.

É muito interessante como as mulheres foram levadas a pensar que elas dependiam mais dos homens do que eles delas e que são dotados de maior potencial em

comparação a elas. É preciso reconhecer que homens e mulheres são seres humanos e, portanto, ambos têm papéis importantes na sociedade. Segundo Simone de Beauvoir (2009, p.105-106), “homens e mulheres só têm existência religiosa, social e econômica como grupo; sua individualidade permanece um puro fato biológico”. Sem os homens não haveria reprodução; porém, sem as mulheres também não.

Acrescenta-se que até em quesitos biológicos ambos têm importantes funções. Como exemplo, pode-se pensar que, em um primeiro momento, pode-se pensar que, por questões biológicas, as mulheres são menos objetivas que os homens, porque sofrem de alterações hormonais todos os meses. Talvez por este motivo, quanto mais importantes os cargos menos mulheres são vistas executando-os. No entanto, em um segundo momento, a própria ciência, ao estudar também os homens, indica que eles também sofrem com alterações hormonais, talvez até mais do que as mulheres, e essas alterações não agendadas estão constantemente ocorrendo, provavelmente por não ser possível marcá-las em um calendário os homens decidiram não destacar tal condição.

Algumas mulheres conhecem os efeitos das alterações hormonais dos homens porque convivem com eles todos os dias, mas, talvez prefiram acomodar-se em vez de confrontá-los. Além disso, entende-se que para as mulheres seja difícil perceber demonstrações de fragilidade masculina ou alterações em seu estado, afinal elas se encontram em uma sociedade em que uma visão positiva e condescendente em relação ao homem é muito comum e consolidada.

3 Jane Austen, Virginia Woolf e Chimamanda Adichie: um estudo comparativo sobre o tema mulher e casamento

Quando se reflete sobre o feminismo, há autoras cuja produção enreda profícuas discussões em torno da condição da mulher. Entre elas, citam-se: Virginia Woolf, Jane Austen e Chimamanda Adichie. Entre elas, Virginia Woolf destaca-se por ter uma verve feminista, que pode ser observada em textos como *Um teto todo seu* (2014). Jane Austen, por sua vez, para sua época, foi uma das poucas romancistas com produção considerável e que teve como foco a relação entre mulheres e casamento. Por fim, Chimamanda Adichie apresenta reflexões contemporâneas sobre o feminismo e fala a partir de um país africano – o que é amplamente significativo, por contemplar um país fora do eixo do cânone literário inglês. Durante suas palestras, fica claro como em países africanos, em especial a autora retrata a realidade da Nigéria, a subalternização da mulher é um fenômeno comum. Portanto a sociedade patriarcal pode ser encontrada em contextos sociais e culturais diferentes.

Por uma questão cronológica, século XVIII e XIX, a primeira autora cuja narrativa será analisada nesta monografia é Jane Austen, através do estudo de *Orgulho e Preconceito* (2011). Ela foi uma autora de romances que versam sobre o universo feminino com ênfase na relação de mulheres e casamento, apesar de, em sua vida, não ter se casado, o que sinaliza para uma ironia na representação de heroínas para quem o casamento parecia ser uma condição fundamental para a felicidade. Entre outros romances de grande destaque, pode-se citar *Razão e sensibilidade* (1811), *Emma* (1815) e *Persuasão* (1817). Um aspecto que atrai e continua atraindo muitos leitores é a linguagem acessível de suas obras, apesar de serem permeadas por forte carga ideológica que revela valores patriarcais da sua época.

Apesar da prolífica produção de Jane Austen, ela viveu em uma época em que não havia espaço para escritoras. Por um longo tempo, a produção feminina não tinha muito espaço. Dentre suas personagens mais conhecidas, destaca-se Elizabeth, a protagonista de *Orgulho e preconceito* (2011). O romance conta a história de Elizabeth, que fazia parte de uma família de classe média inglesa, composta de mais quatro irmãs: Jane Bennet, Mary Bennet, Catherine Bennet e Lydia Bennet.

O romance inicia-se com uma frase familiar a todos os leitores da escritora: “[é] uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa” (AUSTEN, 2011, p.103). Através dessa frase, é possível identificar que, apesar de ser uma busca feminina, os homens eram tidos como a meta na vida de uma mulher, afinal eram eles que tinham espaço na sociedade, como se a realização social e a felicidade dependessem disso, então o que ocorre é uma constatação do senso comum da época. A combinação de palavras “universalmente aceita” mostra também o paradigma em que a mulher se encontrava. Desta forma, a mulher é tratada como um objeto e este objeto adicional seria a posse de uma mulher, que seria apenas mais um componente para tornar a vida ditada pela sociedade patriarcal como correta, feliz e/ou completa.

Apesar de haver este paradigma, o livro mostra que certas mulheres tinham um pensamento divergente ou mais abrangente, pelo menos quando se leva em conta a época em que viviam. A personagem principal, Elizabeth, por exemplo, recusa o casamento por conveniência. Diante de sua atitude, é válido perguntar por que, então, se há pensamentos divergentes, o casamento tem que ser uma busca fundamental?

No século XIX, contexto em que o romance foi escrito, a leitura da narrativa permite que se interprete a ânsia das mulheres por casamento, tendo como base a atitude da senhora Bennet, matriarca da família Bennet, em torno da qual a narrativa é escrita, que parecia sofrer de ansiedade, como sugerem as crises constantes dos nervos que ela tanto mencionava, em busca de um bom marido para suas cinco filhas. Ela receava que quando seu marido morresse ficariam sem nada, já que mulheres não podiam ser herdeiras, apenas homens. Portanto, o sobrinho viria a ser o seu único herdeiro e foi visto como a possibilidade de salvação da família na ausência do pai.

Essa ansiedade era compartilhada por muitas das mulheres do romance, não apenas as que eram mães. Como exemplo, é possível citar Charlotte Luccas, que era a melhor amiga de Elizabeth, e resolveu casar-se com o primo dela. Esse primo havia pedido Elizabeth em casamento, mas ela o recusou por não sentir a afeição que ela achava necessária para se casar, mesmo sabendo que se casando com ele seus problemas financeiros estariam resolvidos. Charlotte aceita casar-se com ele, porque já havia passado da faixa etária dos vinte e sete anos e sentia que esta poderia ser a última

chance de se casar e assim, então, livrar seus pais do fardo que ela sabia pesar sobre os ombros deles.

No tocante às outras filhas da família Bennet, menciona-se Jane, que é a irmã mais velha e é constantemente elogiada por sua beleza. Ela é amável e tímida, o que vai desencadear o desentendimento de Darcy quanto aos verdadeiros sentimentos dela para com um pretendente, Bingley. Jane e Elizabeth são muito próximas, o que faz com que Elizabeth fique desapontada com o preconceito de Darcy, pois ela sabia o que Jane realmente sentia por Bingley.

Mary é a irmã que menos se destaca entre as outras, pois passa maior parte do tempo lendo ou tocando o piano, e normalmente sua participação maior na trama é quando a mesma tenta mostrar aos outros seus talentos intelectuais ou para a música. Entretanto, ela não consegue se destacar em nenhum dos campos a que se dedica.

Catherine, ou Kitty, como normalmente é chamada, vivia à sombra de sua irmã mais nova Lydia, seguindo-a em todos os âmbitos e em alguns momentos da narrativa é descrita como invejosa.

Lydia, por sua vez, é a irmã mais nova; porém é a que desencadeará um grande problema para a família quando resolve fugir com Wickham. Embora seja a mais nova, por conta do ocorrido, ela é a primeira irmã a se casar e é a que mais se parece com sua mãe, Mrs. Bennet. Durante a narrativa, demonstra apenas interesse em socializar e atrair oficiais, que eram grandes pretendentes para as mulheres na época em que a narrativa se passa. Um de seus maiores defeitos é o de não se importar com os costumes da época. Isso contribui para que Darcy tenha uma péssima impressão da família de Elizabeth.

Com um olhar que estava além da perspectiva das outras personagens do romance em relação a questões relativas ao casamento e ao papel da mulher na sociedade, Elizabeth não possui muitos dos atributos considerados essenciais para a sociedade da época. Tais valores eram até mesmo compartilhados por algumas mulheres influenciadas por valores patriarcais vigentes. Assim, no romance de Jane Austen, lê-se:

[...] nenhuma de nós pode ser considerada talentosa se não for muito além do que geralmente se vê por aí. Uma mulher deve ter um amplo conhecimento da música, do canto, do desenho e das línguas modernas para merecer tal qualificação; e, além de tudo isso, deve possuir certo quê em seu

comportamento, seu modo de andar, seu tom de voz, sua entonação e suas expressões, ou o adjetivo só valerá pela metade. (AUSTEN, 2011, p. 144)

A cena inicial do romance já apresenta os valores patriarcais da época exemplificados pelo trecho destacado acima. Nela, a senhora Bennet chega anunciando uma “grande” notícia: a chegada de um possível partido para suas filhas:

Pois bem, meu querido, a senhora Long disse que Netherfield foi alugada por um rapaz muito rico do norte da Inglaterra; disse que ele chegou segunda-feira numa carruagem com quatro cavalos (sinal de riqueza) para ver o lugar e gostou tanto que fechou na hora com o senhor Morris; e disse que ele deve se mudar antes da festa de São Miguel Arcanjo, e alguns empregados já devem chegar no final da semana que vem [...] Ora, solteiro, meu querido, é claro! Um rapaz solteiro e riquíssimo; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para as nossas meninas! (AUSTEN, 2011, p. 144)

Quando a notícia chega, muitas de suas filhas ficam eufóricas, mas o mesmo entusiasmo não é compartilhado por Elizabeth que parece não se abalar com a notícia, e, ao longo da narrativa, mostra-se em desalinho com muitas das opiniões de sua mãe. Por outro lado, o senhor Bennet, apesar de ser o chefe da família, não tinha como prioridade o casamento de suas filhas. Ele apoia Elizabeth na sua escolha de não se casar por conveniência, sendo um ponto de motivação para que ela se mantivesse fiel aos seus princípios.

Por ser a primogênita, Jane tinha sobre seus ombros a responsabilidade mais acentuada de casar-se. Assim, quando Bingley surge, e por ela ser tida como a mais bela dentre as irmãs, embora seja um tanto apática como é identificado por outro personagem – Darcy –, mostra-se interessado por ela e, então, a senhora Bennet fica exacerbadamente contente. Esse contentamento exagerado leva seu amigo Darcy a crer que as intenções de Jane eram pautadas no mais puro interesse.

Darcy, um dos personagens principais da narrativa, é um dos mais bem sucedidos economicamente no romance, o que faz com que ele viva em constante receio de que as pessoas se aproximem apenas por interesse em sua fortuna. Esse receio o torna um pouco antissocial, o que levava as pessoas a o considerarem arrogante. Esse é um dos principais obstáculos para a relação que se desdobrará entre ele e Elizabeth. A sua atitude perante Elizabeth mostra que ambos se apaixonaram à primeira vista, mas

um incidente no dia do primeiro encontro fez com que o caminho até ela fosse bem mais difícil. O próprio cenário não permitiu que eles se conhecessem, pois um verdadeiro diálogo não seria possível devido à diferença de classes sociais. Entretanto, esse diálogo ocorreu depois, sem diferenciação de classe, fazendo com que eles pudessem se conhecer melhor e tivessem a certeza dos seus sentimentos.

A trama então se desencadeia em torno de Elizabeth e Darcy. Inclusive, as histórias adjacentes acabam se interligando à história do casal, como, por exemplo, a história da irmã mais nova de Elizabeth, que, de certo modo, é decisiva para a narrativa.

Lydia Bennet é o oposto de sua irmã Jane no quesito sociabilidade, tirando máximo proveito de qualquer oportunidade de conhecer pessoas, como quando os militares vão para a cidade, o que faz com que a relação dela e do militar Wickham seja possível. Essa sociabilidade é também atribuída ao fato de ela não se importar muito, talvez por não ter maturidade, com o que os outros pensam dela. Ela se importava apenas com seu próprio prazer.

Por fim, sua relação com o militar mau caráter Wickham quase acaba com a “honra” de toda a sua família; porém, devido às ações de Darcy, que já havia sofrido pelas ações inescrupulosas de Wickham perante sua irmã, as irmãs Bennet têm suas honras restauradas. Uma questão instigante no romance também se refere ao fato de que, em seu começo, o próprio Darcy, envolto nos padrões da época de que a classe social era mais importante que o indivíduo em si, não queria acreditar em seus próprios sentimentos pelo fato de Elizabeth não ser da mesma classe social que ele. No romance, o resto de sua família, de fato, não porta-se bem. Entretanto, Elizabeth era diferente, o que prova que a classe social não define uma pessoa e, por conseguinte, não deveria ser um empecilho para um amor.

Alguns anos depois, uma história em torno da mulher e do casamento é abordado por outra escritora inglesa: Virginia Woolf.

Woolf acrescentou à biblioteca feminista mais de dezesseis volumes. Dois sendo livros de crítica, dez são romances, os quais se destacaram e a consagraram como uma das mulheres mais importantes da literatura inglesa. Com grande importância no cenário intelectual, a escritora inglesa pertence ao cânone e seus romances também giram em torno do universo feminino. Woolf trabalha de forma mais profunda a opressão da

mulher, e, no matrimônio, ela destaca de forma acentuada os sentimentos femininos. Um de seus romances mais conhecidos, da época em que ela já era consagrada, é *Mrs. Dalloway* (1980).

A história se passa em torno da personagem Clarissa, uma senhora que está organizando uma festa em que várias pessoas importantes da cidade comparecerão. Essa não é a primeira nem a última vez que ela comparece ou realiza esse tipo de evento, uma vez que é voltada a convenções. Antes de a festa começar, vários eventos acontecem e diversas memórias são revividas, especialmente quando Peter Walsh reaparece em sua vida depois de tanto tempo. Esse reencontro a faz recordar do tempo em que era mais jovem e dos seus sonhos e das decisões que tomou. Relembrando o passado, Clarissa pensa em Sally Seton, na admiração e nas relações que teve com ela. Ela relembra os livros que leu e as ideias socialistas que Sally tinha, “[p]ensavam em fundar uma sociedade para abolir a sociedade privada”, (WOOLF, 1980, p.35). Esses pensamentos acabam se tornando contraditórios, pois, ao longo do livro, Sally se tornou uma mulher muito rica depois de se casar com um homem de posses e passou a ser oposto do que um dia sonhara: uma dona de casa, assim como Clarissa.

No romance, também é possível perceber que Clarissa foi criada em um contexto que fez com que ela escolhesse o marido ideal, descrito pela sociedade, mas não o homem ideal para ela. Peter Walsh, um namorado que teve na juventude, a visita e fica bem claro que ambos tentam se convencer de que suas vidas tomaram o rumo que devia ter tomado, mas, talvez, não o destino desejado, o que demonstra que o desejo do bem estar social se sobrepôs a outros anseios fora do eixo das convenções.

O livro também retrata outro casal, que estava na mesma praça que Peter Walsh e a mesma cidade onde Clarissa realizaria a sua festa em que o médico que “tratou” – ou destratou? – Septimus, compareceria. O casal Rezia e Septimus passava por um momento difícil. No começo, Rezia estava muito mais preocupada com que a sociedade pensava dela e de Septimus, que não se encontrava em um estado psicológico saudável. Ele sofria com alucinações resultantes de traumas adquiridos ao longo de sua atuação na guerra quando era um soldado.

Rezia havia saído da Itália para casar-se e morar com Septimus, na Inglaterra. Ele era um homem comum e competente, que tinha um futuro estável e garantido, mas,

depois que voltou da guerra, não era mais o mesmo. Talvez este seja um dos casais mais alinhados com a representação do amor romântico na narrativa. Rezia, no decorrer do tempo, percebe que o amor dela por Septimus é o mais importante e não o que as pessoas falariam ou julgariam sobre eles. Depois de entender isso, ela dá força a Septimus. Ele, contudo, junta forças para libertar-se de suas angústias e, assim, tira a própria vida.

Sir William, o médico, após a trágica morte de Septimus, se encontrava na festa de Clarissa. Esse assunto trágico ficou conhecido e foi tratado de uma forma negativa, mas logo depois esquecido. Septimus como soldado, havia lutado por aquela sociedade, mas não por ele mesmo, e ainda assim, a última memória que fizeram a ele foi a de como ele havia se jogado da janela.

A própria Clarissa, quando soube do suicídio de Septimus, sentiu-se irritada, pois as pessoas traziam o assunto de morte em sua festa. Todavia, pouco tempo depois ao tentar entender as razões de Septimus, que ela não conhecia assim como as pessoas que falavam dele e de sua morte, pôde identificar-se com a dor dele e perceber como ela mesma já pensou algumas vezes que: “se tivesse de morrer agora, seria no momento mais feliz” (WOOLF, 1980, p.177), resgatando alguns pensamentos em torno da morte, que algumas vezes atravessaram-na.

Clarissa vai mais adiante e percebe como o Sir William, apesar de médico, apesar de sua função ser ajudar e tentar compreender as pessoas, violava suas almas. E então ela chega à conclusão que, talvez, defina bem o livro: “[...] a vida se tornara intolerável? Pois não tornam a vida intolerável homens como aquele?” (WOOLF, 1980, p. 177). E quando Clarissa se refere a homens como “aquele”, ela se refere a milhares de homens que, como ele, parecem áridos em termos de sentimentos. Clarissa consegue sentir o peso de uma sociedade insensível e por isso identifica-se com Septimus.

A festa prossegue e ao longo dela Clarissa reencontra seus velhos amigos, Peter e Sally. É possível notar que Peter continuava mesmo como denotavam pequenos gestos – como o de estar mexendo com o canivete – e isso a faz indagar como poderia ter sido a vida com ele, se a vida teria sido mais feliz. No final, no entanto, ela se perguntava se agora, que a juventude já havia passado, valeu a pena optar por um status social ao invés do amor.

Clarissa é casada com um dos homens mais bem sucedidos – determinado pela sociedade desta forma por seu prestígio social – da cidade. Apesar de seguir os padrões que a sociedade impunha como corretos e de constantemente participar de eventos e proporcionar festas, Clarissa sofria em silêncio e não se sentia feliz. Seu marido a tratava bem e parecia amá-la, ela tinha uma filha que não causava problemas; porém, ainda assim os problemas existiam; questões mal resolvidas e a angústia de indagar-se como teria sido a vida se ela tivesse feito escolhas diferentes persistiam.

Desde pequena, Clarissa era envolta nas regras e padrões de uma sociedade moralista, e por ser criada desta forma, na hora de decidir entre o amor ou a segurança que a sociedade prometia a ela quando ela se cassasse com o homem ideal, ela preferiu não arriscar e confiou na promessa feita pela sociedade de que somente desta forma ela poderia encontrar a felicidade. Nesse âmbito, o casamento é retratado como um contrato em que duas pessoas proporcionam uma à outra segurança, mas não necessariamente felicidade, ou o próprio amor.

Uma das questões mais interessantes na escrita de Virginia Woolf é a forma com que ela desconstrói o padrão tradicional, linear, teleológico, de escrita literária e é capaz de trazer à cena narrativa o fluxo dos pensamentos dos personagens, possibilitando que o leitor contemple o âmago dos personagens e viabilizando o reconhecimento de angústias que os próprios talvez não sejam capazes de enxergar.

Nesse romance, portanto, é possível ter acesso aos pensamentos que denotam a discrepância entre o que uma mulher que segue padrões sociais faz e o que ela pensa ou rememora.

Contrariando a tendência seguida por *Mrs. Dalloway* (1980), em uma época ainda mais conservadora para as mulheres, há uma personagem que opta por não casar-se. É o que acontece no conto *A New England Nun* (2000), em que Louisa Ellis preza mais pela sua felicidade interior do que por aquela que os outros teriam em vê-la em um contexto supostamente feliz (que seria o padrão imposto como ideal). Enquanto Louisa esperava Joe retornar para poder cumprir a promessa que ele havia feito de casar-se com ela, ela cria sua própria vida com sua rotina e é feliz desta forma. Todavia, quando Joe volta e faz visitas semanais a ela, fica claro que a felicidade de Louisa não estava em casar-se, mas nas pequenas alegrias do seu cotidiano. Ela já era feliz. Depois que ela

descobre que Joe não a amava e estava envolvido com outra mulher, ela não dá motivos a Joe e o libera de sua promessa de casar-se. Entretanto, ao fazer isso, Louisa sabia que casar-se seria algo difícil se ela não fizesse uso desta promessa e percebe que a felicidade é um sentimento que pode personificar-se de diversas formas dependendo das pessoas. Assim, para ela, a felicidade não era casar-se. Entretanto, para Lily – a mulher que Joe estava apaixonado – a felicidade era se casar com Joe, inclusive ela fala que se não se casasse com ele não se casaria com mais ninguém. Diante disso, Louisa o liberta de sua promessa de se casar com ela e Joe casa-se com Lily.

Apesar de ser um conto que data de uma época anterior ao romance em torno da personagem Clarissa Dalloway e ter sido escrito numa época de predomínio do Puritanismo, Louise toma uma decisão pautada em seus próprios anseios ou talvez que estivesse mais próximo do amor próprio e menos envolto pela submissão ao papel pré-estabelecido socialmente para as mulheres. Talvez, também, ela tenha tido a chance de perceber que a felicidade pode se manifestar de diversas formas, já que os próprios indivíduos são diversos entre si.

Do que já foi discutido nesta monografia, nota-se que a relação intrínseca entre mulher e casamento, como demonstram as histórias das personagens já aqui mencionadas, nem sempre pode ser atrelada à época. Se as questões em torno da mulher tivessem sofrido mudanças em termos cronológicos, as históricas lutas feministas não permitiriam que, em pleno século XXI, mulheres ainda se casassem por conveniência. Um casamento assim é tema do conto contemporâneo *The arrangers of marriage*, de Chimamanda Adichie (2009).

O conto trata da história de uma jovem nigeriana que perdeu seus pais e foi criada pelos seus tios. Um dia, seu tio arranjou o seu casamento, como é de costume na Nigéria, e esse casamento, do ponto de vista nigeriano, não poderia ser melhor, pois o homem que seu tio havia escolhido para ser seu marido era médico e morava nos Estados Unidos. Em uma semana, a protagonista já estava casada e morando no pequeno apartamento do marido que ainda fazia residência na área médica. A princípio, a personagem seguiu sem questionar as ordens do seu marido, para assim cumprir o seu papel de esposa. Todavia, depois de descobrir que ele ainda era casado e sem ninguém com quem contar, pois seus tios não a tinham como uma filha de verdade, ela começou

a mudar a forma com que lidava com o casamento, a começar pela decisão de continuar nos Estados Unidos e com seu marido para assim conseguir viver para si mesma.

Em linhas gerais, esse conto retrata a realidade ainda vivenciada por mulheres nigerianas. Ele começa com os recém-casados chegando à casa onde viveriam. Todavia, essa não era a casa que a esposa havia imaginado, que tinha sido criada pelo estereótipo americano disseminado pela mídia; essa se tratava de uma casa real, realmente pequena e com poucos móveis. O noivo falou para a noiva não se preocupar, porque aos poucos ele compraria mais móveis e o lugar se tornaria mais agradável. Entretanto, quando se tem um casamento arranjado, várias questões não são conhecidas nem informadas às mulheres, como, por exemplo, o fardo da convivência, o cotidiano com alguém que mal se conhecia e que agora tinha de ver todos os dias e para quem tinha que exercer os seus deveres de esposa.

A história de Adichie (2009) assinala como pequenos eventos, na verdade, podem se tornar grandes percalços. Estes percalços só podem ser percebidos vivenciando-os; contudo, não é dada à personagem nem uma semana para que ela conheça o futuro marido. A ela somente coube aceitar (de bom grado) a sorte de ter achado um marido que é médico e que mora nos Estados Unidos, apesar de ainda não ser formado e não ter outras qualidades que esperava que ele tivesse.

A autora consegue também mostrar no conto a dificuldade que nigerianos têm para se integrar à sociedade norte-americana e se sentirem como pertencentes a ela. Para isso, eles são forçados a apagar traços de sua identidade e cultura para assim serem aceitos ou, pelo menos, não serem discriminados.

Uma das questões mais interessantes é que a autora mostra que há diversidade entre as pessoas e que as mulheres, mesmo tendo sido criadas em uma sociedade que privilegia os homens, não necessariamente têm que segui-la. No final, depois de conhecer o seu marido, e perceber que ele não era o homem ideal, a protagonista pensou em não só separar-se do marido como não retornar para a casa de seus tios. Para conseguir continuar nos Estados Unidos, no entanto, a mesma tem de continuar convivendo com o seu marido, que ainda era casado legalmente. Sua meta final consistia em viver para si, ter liberdade de falar como quiser e fazer o que quiser, mas

esse objetivo parece distante de sua realidade. Nota-se que, muitas vezes, o que deveria ser algo trivial para algumas mulheres ainda é um sonho a ser alcançado.

Com base na leitura das narrativas enfocadas e nas narrativas do cotidiano, nota-se que o status que o casamento traz para as mulheres na sociedade ainda está atrelado ao sucesso. Se uma mulher consegue ou não manter o casamento ela é vista de forma diferente. Um casamento é composto de duas pessoas, mas cabe à mulher cumprir os seus deveres como esposa e assim manter seu casamento. Se à mulher cabem os afazeres domésticos, ao homem cabe prover para a família o essencial para a sobrevivência. Todavia, como Simone de Beauvoir (2009) já havia mostrado, ao longo do tempo, a necessidade desse tipo de padrão ainda ocorrer é mínima, já que atualmente não há mais a necessidade de força física para se conseguir um trabalho, os melhores empregos, atualmente, são concedidos às pessoas com capacidade intelectual maior e isso independe do sexo.

Simone de Beauvoir (2009) também explica em seu livro que as mulheres começaram a tomar conta dos afazeres domésticos para poder apoiar os homens e fazer com que a sociedade cresça. Entretanto, mesmo antigamente, em algumas sociedades, a prioridade era que uma determinada sociedade que tivesse mais habitantes mantivesse a taxa de natalidade alta, reforçando, assim, o papel da mulher como procriadora. Desse modo, nessa sociedade, as mulheres tinham um papel ainda mais importante que os homens e eram reconhecidas como tal. Logo, seria possível compreender que a criação de um padrão social único para as mulheres (o de esposas e mães) retoma uma norma pertencente às primeiras formas de organização social. É importante sublinhar que esse padrão é sustentado apenas para favorecer um sexo, que se mantém no poder, e ele se mantém mesmo em uma época marcada pela globalização e o rápido fluxo de informações.

Atualmente, mulheres entram na universidade e possuem a mesma capacidade intelectual que o homem, mas, mesmo com todas as pesquisas e desenvolvimento, as pessoas continuam dando menos oportunidades para o público feminino e avaliando suas opiniões e ações de forma diferente por este indivíduo ser uma mulher. Diante disso, pergunta-se: será que a sociedade não está conseguindo acompanhar essas reflexões e suas conseqüentes mudanças? Segundo Chimamanda Adichie (2013), “[n]ós

evoluímos, mas algumas ideias não”. Isso talvez ocorra pelo fato de as pessoas ligarem o sexo masculino ao dinheiro, ao sucesso. Logo, se um homem obtiver menos dinheiro do que uma mulher ele não terá o mesmo prestígio social, mas a mulher que conseguiu uma posição acima da dele também não alcança prestígio social. As conquistas das mulheres são comumente vistas pela sociedade como um sucesso incompleto se essa mulher não for casada, já que alguns pensam que, para ela alcançar tal prestígio, deve abdicar de tarefas domésticas, que são tidas como compulsórias e obrigatórias para elas.

Há também, o fato de muitos homens se sentiriam intimidados por essa mulher tão bem sucedida, ou pelo menos, é isso que uma sociedade patriarcal postula. Segundo Adichie (2013), isso se justifica porque seres sociais internalizam ideias da sociedade, uma sociedade que ao longo dos anos tem seguido repleta de valores patriarcais, como o de o casamento ser, ao invés de uma parceria, um direito de propriedade sobre o outro. Por esta razão, as mulheres não são compelidas a lutar por ideais, mas sim, virem umas às outras como rivais, todas competindo pela atenção dos homens. Isso é algo que se perpetuou em nossa sociedade que, em sua maioria, segue valores androcêntricos.

É possível observar aspectos que reforçam uma tônica androcêntrica na sociedade em romances de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito* (2011), em que Elizabeth Bennet se sente ofuscada por Isabela, irmã do melhor amigo de Darcy, Bingley. Ela percebe a fascinação de Darcy por Isabela, pois a mesma possuía inúmeras qualidades, consideradas importantes na época.

Até hoje, em muitos contextos, mulheres são moldadas conforme as demandas do matrimônio, ou seja, uma mulher, atualmente, além de ter uma carreira ainda tem de ter as qualidades para ser dona do lar, ou seja, têm de cuidar do marido e da casa, e, caso o matrimônio falhe, uma das primeiras, se não a única, a ser culpada é a mulher, porque não deu a devida atenção ao marido ou a suas tarefas para com o lar.

Em sua palestra, “Sejamos todos feministas”, Chimamanda Adichie (2013) fala de algo que parece óbvio: o homem também tem deveres para com seus filhos já que metade do seu material genético também foi usado para criar aquele novo ser. Todavia, quando um homem realiza simples ações de cuidado para com o seu filho, a mulher sente-se compelida a agradecê-lo por tal ato, que, se não for constante, deveria, ao menos, ser visto como algo natural.

Segundo a autora nigeriana, o problema com o gênero é que ele determina como as mulheres deveriam ser em vez de reconhecer o que elas realmente são ou têm o direito de ser. A mesma cita em sua palestra, um caso que lhe aconteceu quando criança, quando ela havia estudado bastante para ser monitora de sua classe, mas, mesmo tendo ficado em primeiro lugar, , por ser mulher, a atividade foi transferida para o segundo colocado, que era homem. Entretanto, ele não tinha a menor pretensão nem tinha o tipo de personalidade que seria mais cabível para o desempenho de tal função.

A palestra de Chimamanda (2013) é repleta de exemplos usuais que parecem pequenos, mas que fazem parte do cotidiano. No entanto, tais ações estão tão enraizadas na sociedade, que passam despercebidas por muitos, inclusive por mulheres. Ainda no bojo dos exemplos da autora, ela relata o fato de se nomear os melhores cozinheiros de Chef, e esta palavra não estar no masculino por acaso, ela é usada desta maneira pelo fato de os cozinheiros mais renomados serem homens. Apesar disso, no cotidiano, normalmente cabe às mulheres o trabalho de cozinhar para os seus familiares. O mal-estar que esse lugar naturalizado, atribuído à mulher, traz não é o fato de as mulheres terem de cozinhar, mas de isso ser visto como uma obrigação delas e terem de realizar todos os outros trabalhos domésticos também.

Essas questões encontradas em textos de Adichie permeiam a primeira narrativa tratada aqui, *Orgulho e Preconceito* (2011), e, também, *Mrs. Dalloway* (1980), romance que foi lançado anos depois do romance de Austen. Essas convergências foram o motivo para colocá-las em diálogo, analisando o tema mulheres e casamento em uma linha diacrônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das três narrativas enfocadas demonstrou o quanto os valores patriarcais estão impregnados na vida cotidiana há séculos. A importância de análises como esta se dá pelo fato de que algumas pessoas, talvez por excesso de temas clichês em torno dele, não entenderem do que realmente se trata o feminismo. Feminismo não preza pela ascensão do sexo feminino exclusivamente, mas sim por uma igualdade para ambos os sexos.

Esta monografia teve o objetivo de mostrar a influência de visões e padrões androcêntricos, ao longo dos anos, que interferem na forma como as mulheres percebem o mundo e em decisões a serem tomadas por elas. Essas visões e padrões trazem reflexos, também, no universo masculino, onde os homens não encontram a liberdade para fugir do padrão estabelecido para eles, segundo o qual devem ser fortes, rudes e insensíveis.

E assim, pergunta-se, afinal: o que é ser homem e o que é ser mulher? Essas perguntas não deveriam ser tão importantes, pois homem e mulher são apenas uma das características que compõem um sujeito. Essa característica não deve ser definidora de todas as outras. Repensar esse tipo de questão reforça a importância do feminismo. Dessa forma, defendê-lo é defender a liberdade dos sujeitos de serem e viverem a sua identidade sem receios de repressões.

Nesse sentido, a charge da “Fada Madrinha Feminista” resume bem do que se trata essa luta. É uma luta por direitos iguais e para que decisões sejam tomadas não por imposições, mas por desejos reais, para que, assim, ambos os sexos possam ter chances de encontrar felicidade e realização.

Atualmente, a sociedade preza por potenciais em termos intelectuais. Se uma mulher desenvolver uma ideia ou se um homem desenvolver uma ideia, o gênero não é uma informação que deva servir para julgar a ideia, mas sim o fato de esta ser produtiva ou não, independentemente do sexo daquele que a criou, sem preconceitos. Para que a sociedade realmente alcance um desenvolvimento ainda maior, é preciso deixar este tipo de preconceito que em nada ajuda, apenas limita.

Por fim, é necessário pensar que, apesar de muitas descobertas e conquistas serem assinadas por homens, ao longo da história, várias mulheres provaram seu valor, e não teria sido possível alcançar tal desenvolvimento sem elas. Os homens não tiveram conquistas sozinhos.

O feminismo talvez tenha de unilateral somente o nome. A alusão à causa feminina no termo leva muitas pessoas a pensar que o mesmo tenta defender um sexo em detrimento do outro, como se promovesse uma disputa, quando, na verdade, o feminismo preza apenas por algo que parece óbvio, mas ainda não está totalmente ao alcance de todos e todas: a igualdade e a liberdade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. (2009). *The Arrangers of Marriage*. In: ADICHIE, C. N. *The thing around your neck*, 2010, U.S.: Anchor Books, p. 167-86.

ADICHIE, C. N. (2013). *Sejamos Todos Feminista [We should all be feminists]*, Euston. TEDxEuston, Palestra apresentada no dia 12 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc>. Acesso em: 10 out. 2014.

AUSTEN, J. (1813). *Orgulho e Preconceito*. Tradução sob a direção de Alexandre Barbosa de Souza. 1ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2011.

BEAUVOIR, S. (1949). *O Segundo Sexo*. Tradução sob a direção de Sérgio Milliet. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

FREEMAN, M. E. W. (1891). *A New England Nun and Other Stories*. Edição Penguin Classics, Companhia das Letras, 2000/08/01. Disponível em: <http://archive.org/stream/newenglandnunand00freerich/newenglandnunand00freerich_djvu.txt>. Acesso em 09 set. 2014.

GAULD, T. 2011. Fada de dentes Feminista [*Feminist Fairy Godmother*]. *New York Times*, 14 de julho de 2014.

WOOLF, V. (1925). Jane Austen. In: WOOLF, V. *O Leitor Comum*. Tradução sob a direção de Luciana Viégas. 1ª edição. Rio de Janeiro: Graphia Editora, 2013.

WOOLF, V. (1925). *Mrs. Dalloway*. Tradução sob a direção de Mário Quintana. 8ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

WOOLF, V. (1929). *Um teto todo seu*. Tradução sob a direção de Bia Nunes de Sousa. 1ª edição. São Paulo: Tordesilhas, 2014.